

## A CONJUGALIDADE EM CASAIS DE MEIA-IDADE<sup>1</sup>

### CONJUGALITY OF MIDDLE-AGED COUPLES

João Eduardo Bittencourt Azambuja<sup>2</sup> e Fernanda Pires Jaeger<sup>3</sup>

#### RESUMO

A conjugalidade acompanha, atualmente, as transformações que estão ocorrendo na estrutura familiar. Este arranjo contemporâneo encontra-se inevitavelmente com as tarefas evolutivas da meia-idade, dentre elas, a manutenção do casal. O tema em questão torna-se muito pertinente, quando vários subsistemas desta fase evolutiva são discutidos de forma ampliada. O presente estudo objetivou conhecer aspectos relacionados à conjugalidade na meia-idade, compreendendo as características desse período evolutivo no ciclo vital familiar, na parentalidade e na contemporaneidade. A metodologia deste estudo envolveu a pesquisa bibliográfica, pautando-se pela análise de material já elaborado, incluindo livros e artigos científicos. Observa-se que o casal na meia-idade pode enfrentar uma crise conjugal, a partir de uma revisão em suas prioridades, com o foco saindo do cuidado com os filhos e voltado para o matrimônio dentre outros objetivos. Aspectos como companheirismo e tranquilidade são valorizados com fatores de satisfação conjugal.

**Palavras-chave:** ciclo vital, família, parentalidade, psicologia.

#### ABSTRACT

*Currently, conjugality accompanies the transformations that take place in the family structure. This contemporary arrangement inevitably meets the developmental tasks of middle-aged individuals, such as the preservation of the couple. The present issue becomes relevant especially when various subsystems of this evolutionary phase have been broadly discussed. This study aimed to identify aspects related to conjugality in middle age, comprising of features of this evolutionary period in the family life cycle, in parenting and in contemporary times. The methodology was based on bibliographic research, which included an analysis of materials previously organized, including books and scientific articles. It was concluded that middle-aged couples may face a marital crisis when reviewing their priorities, thus leaving their focus out of the care of children and facing marriage among other objectives. Therefore, companionship and tranquility are seen as marital satisfaction factors.*

**Keywords:** life cycle, family, parenthood, psychology.

---

<sup>1</sup> Monografia.

<sup>2</sup> Aluno do curso de Especialização em Família na Contemporaneidade - Centro Universitário Franciscano. E-mail: jebazambuja@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora - Centro Universitário Franciscano. E-mail: fpjaeger@unifra.br

## **INTRODUÇÃO**

Várias pesquisas têm apontado as transformações no sistema familiar bem como a conjugalidade nos últimos anos (VIRGOLINO et al., 2013; WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011). Os estudos sobre a família estão procurando descrever as modificações encontradas principalmente em seu sistema nuclear, como a redução do número de filhos e o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Na área conjugal, é crescente o estudo da satisfação conjugal obtida pelo casal, além de outros fatores impeditivos do bom funcionamento desta relação (BOAS; DESSEN; MELCHIORI, 2010; MOSMANN; ZORDAN; WAGNER, 2011; OLTRAMARI, 2009).

No entanto, poucas pesquisas brasileiras tratam da conjugalidade na meia-idade. Os membros que compõem o casal nesta etapa evolutiva enfrentam questões como a saída ou o prolongamento da estada dos filhos em casa, o possível cuidado com a saúde de seus genitores e a possível inclusão na família nuclear destes e a preparação para a velhice (CERVENY; BERTHOUD, 2002).

Estas vivências produzem mudanças e, consequências para a conjugalidade. Com isso, o casal deve se reorganizar em torno das modificações da sociedade, da sua estrutura familiar, da cultura e dos aspectos biológicos (RIBEIRO, 2005).

A eleição do tema foi devido ao aprofundamento dos estudos realizados sobre a conjugalidade durante o curso de especialização em Família na Contemporaneidade. A contribuição deste estudo para a comunidade científica buscou questionar não somente sobre a conjugalidade na meia-idade, mas sim, ampliar as discussões sobre as nuances do casamento e da organização da família nuclear, tendo como base os achados constatados em pesquisas recentes em torno do tema, no referencial teórico abordado.

Neste sentido este artigo objetivou conhecer aspectos relacionados à conjugalidade na meia-idade, compreendendo as características desse período evolutivo no ciclo vital familiar, na parentalidade e na contemporaneidade, evidenciando a relação entre os assuntos.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A metodologia deste estudo envolve a pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2006), pesquisas desta natureza envolvem material já elaborado, incluindo, principalmente, livros e artigos científicos. O autor citado refere ainda que a pesquisa bibliográfica permite uma reunião mais ampla de dados.

O presente trabalho teve como base um levantamento a partir de materiais bibliográficos, permitindo a análise autores de referência em temas como casal e família. Para tanto, buscou-se artigos científicos disponíveis na biblioteca institucional e nas bases de artigos como da Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia, além de livros de autores de referência na área de conjugalidade, meia idade, família e casamento; conjugalidade na meia idade; fatores de satisfação conjugal na meia idade.

Para análise dos resultados utilizou-se a Análise de Conteúdo, que conforme Bardin (2010), caracteriza-se como um conjunto de técnicas de análise de comunicações através dos quais elabora-se categorias. A partir da leitura dos textos pesquisados elaborou-se as seguintes categorias de análise: a meia idade e o ciclo vital familiar; a meia idade e o exercício da parentalidade; a conjugalidade na meia-idade; fatores de satisfação conjugal na meia-idade.

## RESULTADOS

### A MEIA IDADE E O CICLO VITAL FAMILIAR

O conceito de ciclo vital familiar envolve fases delimitadas vivenciadas pelas famílias, compreendendo seu início e fim dentro de uma geração de indivíduos (CERVENY; BERTHOUD, 2009). De acordo com Margis e Cordioli, “a meia-idade é uma fase do ciclo vital que se estende aproximadamente dos 40 aos 60 anos” (2001, p. 159). Neste período há, para a maioria dos adultos, várias progressões, incluindo a vida profissional, conjugal, familiar, cívica e socioeconômica, afirmam os autores.

A fase do ciclo vital familiar em que os casais de meia-idade se encontram é a fase madura. Neste período os pais são compreendidos com algumas tarefas básicas resolvidas relativas ao status de adulto e cumprido o papel de provedores, orientando e acolhendo os filhos durante a fase de desenvolvimento (OLIVEIRA; CERVENY, 2002).

A transição na meia-idade é um fator evolutivo normal e comum. O período é vivenciado através da reavaliação de diversos aspectos da vida, pela necessidade de tomar decisões para a manutenção de estruturas que foram construídas ao longo dos anos como a família, as amizades, a carreira e o casamento. Há também a possibilidade de crise de natureza existencial e psicológica quando há o questionamento entre manter ou romper estas mesmas estruturas em prol de novas conquistas (MARGIS; CORDIOLI, 2001). Em estudo envolvendo a meia-idade e a alta modernidade, referindo-se aos tempos atuais, Ferreira (2008) aponta diferenças de gênero ao abordar o tema. As mulheres parecem ter mais cuidado com sua saúde e preocupação aumentada com a do parceiro. Também são as mulheres que assumem papéis de cuidado de pais ou sogros idosos, enquanto os homens tendem a prestar apoio em termos financeiros.

Na relação conjugal, a meia-idade pode significar um teste para os cônjuges. “Uma vez que os filhos não mais constituem principal foco de atenção e o casal está novamente voltado para si só” (MARGIS; CORDIOLI, 2001, p. 163) haverá espaço para a intimidade sexual que, para continuar, devem os parceiros, no esforço de ajustarem-se sexualmente, aceitarem as mudanças na aparência pessoal e de seu companheiro. Para muitos casais, o ajustamento sexual no período torna a relação mais satisfatória, pois cada um conhece as necessidades do parceiro e a forma de satisfazê-las (MARGIS; CORDIOLI, 2001).

Wagner, Tronco e Armani (2011) apontam a dificuldade de traçar um único perfil para a família brasileira na contemporaneidade. Entretanto, descrevem alguns marcos das últimas décadas que transformaram a instituição familiar, como a tendência de os membros que compõem a família haverem diminuído, aumento do número de divórcios e recasamento bem como o aparecimento dos casais de dupla carreira, a maior participação da mulher nas economias do lar, diferentes formas de compartilhar o exercício da parentalidade, entre outros.

## A MEIA IDADE E O EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE

A parentalidade, como área de estudo, refere-se a uma estrutura que é aprendida, evoluindo conforme o desenvolvimento do indivíduo e do grupo familiar, organizando o pensamento dos pais perante si mesmos e seus filhos. Esse estudo envolve os vínculos de parentesco e os processos psicológicos que ocorrem nas relações familiares (BOTTOLI; ARPINI, 2011).

A família passa por uma “crise do modelo tradicional de família” (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011, p. 20) em face aos novos desafios impostos pela contemporaneidade. Conforme abordado por Bottoli e Arpini (2011), o pai, pode ser visto desde uma perspectiva tradicional, envolvido no trabalho e sendo figura de autoridade em casa, ou de forma mais moderna, onde este demonstra preocupação no desenvolvimento dos filhos. As autoras também destacam o pai emergente, que divide com a mãe o cuidado com os filhos.

Em relação à maternagem, as mudanças que ocorreram na sociedade possibilitaram com que as mulheres ocupassem outras funções. As mulheres buscaram espaço no mercado de trabalho e, por vezes, são as principais provedoras do sustento familiar. Apesar disso, a mãe em algumas configurações familiares - como a monoparentalidade, figura como sendo a principal ou a única responsável na educação dos filhos (JAEGER; STREY, 2011).

Com o crescimento dos filhos para a fase adolescente ou adulta, a mudança no poder entre pais e filhos tende a ser gradual. Durante esse período, pode haver dificuldades de separação por parte dos filhos e conflitos de autoridade e dificuldade dos genitores em confiar e delegar poderes (MARGIS; CORDIOLI, 2001).

Na saída dos filhos de casa, em busca de independência financeira ou relação conjugal, pode ocorrer a chamada “Síndrome do ninho vazio”, onde o sexo feminino é apontado como mais vulnerável a apresentar sintomas. Mulheres que se dedicaram em tempo integral à criação dos filhos podem ficar com uma autoestima baixa e um autoconceito de impotência ao vê-los sair. Porém, pesquisas recentes também afirmam que o sexo masculino está vulnerável à síndrome, prevalecendo um sentimento de acomodação e seu envolvimento maior em tarefas domésticas (VIRGOLINO et al., 2013).

Por outro lado, atualmente tem-se discutido uma nova leitura sobre este fenômeno. A convivência entre pais e filhos na fase adulto jovem na mesma casa está se prolongando. A esta mudança

tem sido associada os termos “ninho cheio” (VIEIRA; RAVA, 2010) e “geração canguru”. O último termo, abordado por Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), trata dos arranjos familiares em que filhos moram na casa dos pais, apesar de já haver conquistado, algumas vezes, uma independência financeira dos progenitores. Neste estudo, pais e filhos relatam a manutenção do padrão de vida, a espera por melhor oportunidade no mercado de trabalho, a abertura para os filhos fazerem sexo em casa e uma relação de dependência e confiança mútuas como situações comuns e como justificativa para a coabitação. Além disso, os pais colocaram as questões sobre as suas responsabilidades em prover o sustento do filho e preocupação com sua segurança.

A parentalidade na contemporaneidade acompanha as mudanças na estrutura familiar ocorrida nos últimos anos. A conquista de maior liberdade social e sexual das mulheres, assim como a sua inserção no mercado de trabalho exigiram da figura paterna maior envolvimento doméstico no cuidado com os filhos e, neste sentido, constata-se o maior desejo dos pais em aproximar-se da sua prole (STAUDT; WAGNER, 2011).

O “lançamento dos filhos” para o mundo adulto, culminando ou não com sua saída de casa, exigirá um reajustamento da conjugalidade do casal. Os casais que organizaram sua relação baseada na criação dos filhos, esta nova fase pode ser mais difícil (MCCULLOUGH; RUTENBERG, 1995; RIBEIRO, 2005).

## **A CONJUGALIDADE NA MEIA-IDADE**

A construção da conjugalidade abrange uma realidade comum, em que cada parceiro constrói uma identidade conjugal, na medida em que se engaja na relação de casal, transformando também sua própria identidade (FÉRES-CARNEIRO; NETO, 2010). Segundo Féres-Carneiro e Neto (2010, p. 270) “a formação da conjugalidade, na visão sistêmica, é um processo complexo, envolvendo diversos níveis do relacionamento e contextos que resultam na definição psicossocial de uma relação afetiva estável”.

Dentro das relações conjugais, o casamento passa por profundas transformações na contemporaneidade, decorrentes de um aprofundamento do individualismo, levando em seguida revisão dos projetos conjugais e a relacionamentos mais instáveis. Apesar disso, o casamento ainda parece ter relevância marcante como rito de passagem em várias sociedades e está associado à saúde e a qualidade de vida principalmente na velhice e na maturidade (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010).

Contrapondo esta visão, Coutinho e Menandro (2010) afirmam que “as transformações do século XX mudaram a forma como homens e mulheres pensam o casamento e a vida familiar - o casamento tradicional figura apenas como uma alternativa entre tantas outras possíveis, o que revela um novo cenário” (p. 85). Em um trabalho desenvolvido por Féres-Carneiro, Ziviani e Magalhães (2011), ficou evidente que os inúmeros arranjos existentes na atualidade geram uma estranheza pensar em re-

lações amorosas bem como uma dificuldade em falar sobre o tema. Distribuídos entre oito grupos de diferentes denominações conjugais, como namoro, recasamento e poliamor, os sujeitos pesquisados relataram os relacionamentos hoje em dia como superficiais e descartáveis.

Em uma construção do amor e da conjugalidade na contemporaneidade, Oltramari (2009) apoiando-se em autores como Zygmunt Bauman e Anthony Giddens postula que a sociedade busca vínculos amorosos em uma sociedade que dificulta esta constituição. Bauman (2004) em sua obra “Amor Líquido”, argumenta que a sociedade vive uma “modernidade líquida” marcada, na esfera afetiva, por relacionamentos superficiais e descartáveis, onde a prática sexual caminha cada vez mais longe de uma aproximação afetiva entre os parceiros.

Para Coutinho e Menandro (2010), em sua pesquisa sobre a conjugalidade avaliada em duas gerações de mulheres, identificaram que a forma como vivenciam o casamento e as relações familiares influencia na visão que as mulheres vão ter a respeito destas duas instâncias. Houve semelhanças e diferenças entre as gerações, mas identificou-se que na segunda geração a manutenção do casamento não constitui mais o objetivo principal; as relações conjugais, de forma geral, tornam-se mais abertas; bem como, há uma resignificação da mulher quanto ao seu papel e redução de interdições em relação a ela.

Na relação conjugal da meia-idade, os parceiros passam por várias mudanças estruturais. Marcada pelo fim da educação, proteção e socialização dos filhos, nesta etapa os membros terão que refazer o seu papel para encarar a nova fase, criando novas tarefas para o casal pós-parental. Nesta etapa evolutiva os casais procuram encontrar um equilíbrio em sua vivência, passando por “uma redescoberta mútua, uma reconstrução da relação a dois, aferindo o projeto de vida conjunta que tinham e o que pretendem alcançar no futuro” (RIBEIRO, 2005, p. 10).

## FATORES DE SATISFAÇÃO CONJUGAL NA MEIA IDADE

Com relação às pesquisas sobre satisfação conjugal, Scorsolini-Comin e Santos (2010) observam a diversidade de termos que são encontrados na literatura científica. Satisfação matrimonial, estabilidade matrimonial e qualidade matrimonial são algumas das terminologias usadas nas pesquisas gerando dificuldades para encontrar sinônimos e comparar resultados, estimulando mais estudos com o termo “satisfação conjugal” como fator fundamental na vida de um casal.

Para Norgren et al. (2004) o construto citado anteriormente é definido como

[...] um conceito subjetivo, implicando em ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder em maior ou menor escala, ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo (p. 576).

Com relação ao casamento contemporâneo, Féres-Carneiro (1998) afirma que os valores do individualismo influenciam em demasia a manutenção da relação. Se de um lado há o intuito de es-

timular a autonomia e o crescimento de cada um na relação, há a necessidade de viver os projetos e desejos da conjugalidade. Atualmente, com o aumento do número de separações, a autora postula que os indivíduos dão tamanha importância ao casamento que não aceitam que a relação não corresponda às suas expectativas (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Mosmann, Zordan e Wagner (2011) abordam o tema da manutenção do casamento “pelo bem das crianças”, postulando que a baixa qualidade conjugal reflete na parentalidade. Traduzido como transbordar, o efeito Spillover pressupõe que relações conjugais negativas ou conflituosas influenciam o sistema familiar, causando irritação e esgotamento emocional nos genitores, tornando-os menos sensíveis às crianças e gerando práticas parentais insatisfatórias (BOAS; DESSEN; MELCHIORI, 2010).

Segundo Ribeiro (2005), em alguns casos, o companheiro é uma pessoa tão diferente daquela com a qual se casou tempos atrás, que o reencontro de ambos se torna difícil. Por vezes, o casal mantém mínimos pontos de contato, vivendo rotinas separadas. Entretanto, indivíduos que presenciaram a evolução do parceiro e vice-versa, podem sentir neste período o prazer renovado de estarem casados e manter um nível de satisfação elevado por não dividirem mais sua rotina conjugal com as tarefas parentais.

A possibilidade de rever o relacionamento conjugal, fortalecido pela experiência, permite que o casal se torne um refúgio para estressores externos (NORGREN et al., 2004). Esse novo investimento pode transformar o ideal romântico que permeou o início da relação, em um relacionamento baseado no companheirismo, cumplicidade, flexibilidade, capacidade de reconhecer defeitos e qualidades, respeito ao casal e à liberdade de cada um (OLIVEIRA; CERVENY, 2002).

Por outro lado, conforme Oliveira e Cervený (2002) o rompimento do laço conjugal ocorre quando ao rever a relação, ficam destacados: conflitos, dificuldades, atritos e incompatibilidades. “A falta de comunicação, a divergência de ideias, o fato de se *viver em mundos diferenciados*, o afastamento gradativo, podem conduzir à separação efetiva do casal (OLIVEIRA; CERVENY, 2002, p. 108).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode ser observado, a família está implicada nas mudanças contemporâneas envolvendo o questionamento dos modelos tradicionais, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o decréscimo do número de filhos, bem como mudanças na forma como se dão os relacionamentos conjugais. Estes, vistos na atualidade como fugazes, “fluídos”.

Os indivíduos de meia-idade, com suas tarefas próprias do ciclo vital familiar, vivenciam novos desafios na conjugalidade. A capacidade de retomar/renovar uma intimidade conjugal, muitas vezes perdida, pode predizer o futuro do núcleo familiar remanescente quanto à acomodação do novo padrão de relacionamento advindo desta nova fase.

Há grande destaque para a relação pais e filhos na meia-idade, pressupondo que esta relação, se saudável, na manutenção do núcleo familiar - que perde, mantém ou incorpora novos membros - pode permitir uma revisão positiva de funções conjugais.

Durante a pesquisa, percebeu-se que, atualmente, as temáticas família na contemporaneidade e conjugalidade, têm recebido muita atenção dos pesquisadores. Porém, a conjugalidade vivenciada na meia-idade carece de maiores aprofundamentos, havendo dificuldade para encontrar estudos mais direcionados. A pesquisa, neste assunto, voltada à realidade brasileira, e também, à realidade interiorana desse país de tamanho continental, ampliariam o conhecimento e a discussão sobre as nuances do público-alvo, indo ao encontro de uma maior atenção aos indivíduos que farão parte de uma grande fatia da população geral nas gerações vindouras.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOAS, A. C. V. B. V.; DESSEN, M. A.; MELCHIORI, L. E. Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 91-102, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/NVSDo1>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BOTTOLI, C.; ARPINI, D. O exercício da paternidade na separação conjugal. In: JAEGER, F.; KRUEL, C.; SIQUEIRA, A. (Org.). **Parentalidade e Contemporaneidade**: os desafios para a Psicologia. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2011.

CERVENY, C.; BERTHOUD, C. Ciclo vital da família brasileira. In: OSORIO, L.; VALLE, M. **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COUTINHO, S.; MENANDRO, P. Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “Que seja terno enquanto dure”. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 83-106, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/Ze3qfp>>. Acesso em: 23 out. 2014

FERES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/MrXZHM>>. Acesso em: 11 mar. 2015.



\_\_\_\_\_.; NETO, O. D. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. **Paidéia**, v. 20, n. 46, p. 269-278, 2010.

\_\_\_\_\_.; ZIVIANI, C.; MAGALHÃES, A. Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casal e Família - conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FERREIRA, M. A meia idade e a alta modernidade. **Construção psicopedagógica**, São Paulo, v. 16, n. 13, p. 77-91, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/nMqtFP>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

GIL, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

HENRIQUES, C.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. A “Geração Canguru”: Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. **Revista Psico**, v. 35, n. 2, p. 195-205, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/mlwZtJ>>. Acesso em: 22 out. 2014.

JAEGER, F.; STREY, M. Maternidade e violência em situações de opressão. In: JAEGER, F.; KRUEL, C.; SIQUEIRA, A. (Org.). **Parentalidade e Contemporaneidade: os desafios para a Psicologia**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2011.

MARGIS, R.; CORDIOLI, A. V. Idade Adulta: Meia-Idade. In: EIZIRIK, C.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A. M. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MCCULLOUGH, P.; RUTENBERG, S. Lançando os filhos e seguindo em frente. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MOSMANN, C.; ZORDAN, E.; WAGNER, A. A qualidade conjugal como fator de proteção do ambiente familiar. In: WAGNER, A. et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

NORGREN, M. de B. P. et al. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 9, n. 3, p. 575-584, 2004. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/q8bfss>>. Acesso em: 23 out. 2014.

OLIVEIRA, A.; CERVENY, C. Visitando a fase madura. In: CERVENY, C. et al. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

OLTRAMARI, L. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-677, 2009. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/w8k44q>>. Acesso em: 23 out. 2014.

RIBEIRO, M. T. M. L. da S. R. Casais de meiaidade: Estudos com casais portugueses numa perspectiva sistêmica. **Psicologia**, v. 19, n. 1-2, p. 57-85, 2005. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/z8ws29>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos. Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 525-531, 2010. Disponível em <<http://ref.scielo.org/z6bxws>>. Acesso em: 20 out. 2014.

STAUDT, A.; WAGNER, A. A vivência da paternidade em tempos de diversidade: uma visão transcultural. In: WAGNER, A. et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

VIEIRA, A.; RAVA, P. Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo vital familiar? **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 33, p. 118-134, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/y5q5wa>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

VIRGOLINO, F. et al. A mudança no ciclo familiar diante da síndrome do ninho vazio: uma revisão. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 456-464, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/yj1pyV>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

WAGNER, A.; TRONCO, C.; ARMANI, A. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In: WAGNER, A. et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011.